Carta Escola

PRÊMIO MINHA COMUNIDADE SUSTENTÁVEL

Carta na Escola e a organização não-governamental Ação Educativa lançam prêmio para aproximar a escola de sua comunidade. Participe!

PATROCÍNIO:



Viver sem fronteiras

















ENTREVISTA: O poder local vem ganhando força no País, afirma Ladislau Dowbor



abe aquele trabalho em grupo de escola que bem merecia ultrapassar os muros e ganhar a vizinhança? Por exemplo, um projeto para criar uma sala de leitura na sede da Associação de Bairro; ou um plano para reciclar as latas de alumínio e transformá-las em renda para quem está precisando; ou, ainda, a criação de uma horta na escola que aproveite os conhecimentos de pais agricultores ou a riqueza da cultura local. Falando em cultura local, também pode ser que um grupo de alunos e professores resolva que o bairro está merecendo a criação de uma feira cultural. Ou gastronômica. Ou, ainda, a implantação, em algum espaço ocioso, de aulas de alfabetização para adultos, aulas de informática, biblioteca infantil ou oficinas de redação para quem só pensa em passar no vestibular.

Escola e comunidade juntas.

Queremos que alunos e professores apresentem idéias inspiradoras e que possam ser realizadas com um orçamento de até 30 mil reais. Nosso objetivo é estimular projetos sustentáveis de cooperação entre a sua escola e a sua comunidade



Esta é uma oportunidade de realizar idéias e fazer com que aconteçam de verdade. E "de verdade" significa ter recursos financeiros para executar um projeto, sem que se perca o objetivo principal de qualquer trabalho que envolve um grupo de alunos e professores: a aprendizagem com sabor. Saber e sabor, quando se aliam, qualquer professor ou professora sabe, é um grande estimulante do apetite. Desperta a fome de saber mais. Fome de aprender e realizar.

Queremos despertar a fome de aprender. Para isso, *Carta na Escola* buscou a companhia dos educadores que compõem a Ação Educativa, uma organização não-governamental com sólida experiência em projetos que envolvam educação e juventude. E, juntos, criamos o **Prêmio Minha Comunidade Sustentável.**

Nosso objetivo é estimular projetos sustentáveis de mobilização da sua escola na sua comunidade. Na edição de abril de Carta na Escola (e a partir do dia 20 de março em nosso site, www.cartanaescola.com.br) você encontrará o regulamento para participar do prêmio, que apoiará até dez

projetos criados por escolas públicas ou privadas, de Ensino Fundamental, Médio ou na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos). Para cada projeto vencedor, haverá um prêmio em dinheiro para a sua execução. Ou seja, queremos que professor e alunos apresentem uma idéia inspiradora que possa ser realizada com um orçamento de até 30 mil reais. Pensamos nela como soma não tão elevada que torne sua execução muito complexa, mas suficiente para realizar projetos que façam a diferença onde quer que se instalem. Um projeto com propósito, cronograma de execução e previsão orçamentária (com essa exigência, a aprendizagem de Matemática já parece garantida, não?). O dinheiro será depositado na conta da Associação de Pais e Mestres e movimentado pelo professor responsável. Mas

isso tudo será esmiuçado no regulamento. Por ora o que queremos é mobilizar corações e cérebros, alunos e professores, pais e funcionários, organizações não-governamentais amigas de escola e suas escolas amigas, para a proposta do **Prêmio Minha Comunidade Sustentável.**

Para envolver nossos leitores, criamos este Caderno de Sustentabilidade. A este se seguirão outros três, todos encartados em Carta na Escola. Eles explicarão melhor o que entendemos por sustentabilidade, trarão exemplos de ações já feitas por escolas nas quais alunos e professores poderão se inspirar, e entrevistas com quem tem o que dizer sobre temas como consumo, educação ambiental ou o poder das cidades e das comunidades. Este, aliás, é o assunto principal da entrevista com o economista Ladislau Dowbor, publicada neste caderno. O professor da PUC de São Paulo é um entusiasmado defensor do "poder local" e traz vários exemplos atuais de cidades que vêm se reinventando simplesmente porque pararam de esperar soluções, "do governo" ou de quem quer que seja, e foram à luta. Atitude semelhante à de muitas escolas, que também não precisam esperar ninguém para mudar o que não está bom. Ou melhorar o que não funciona bem. Ou, ainda, para criar o que deveria haver, mas ainda não há porque faltou a união mágica de planejamento, vontade e meios para fazer.

Nesta edição inaugural dos Cadernos de Sustentabilidade publicamos também um artigo de Suzana Pádua, educadora ambiental e presidente da organização ambientalista Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), que levanta reflexões sobre como a escola pode ensinar educação ambiental aprendendo a estimular os alunos a não ter uma postura conformista. Por fim, nossa reportagem visitou a Escola Estadual Reverendo Erodice Pontes de Queiroz, em Parelheiros, zona sul de São Paulo. Lá, os produtores de verduras e legumes da região vendem sua produção diretamente para a merenda escolar, sem agrotóxicos nem atravessadores. O projeto foi financiado pelo CNPq e executado pela Faculdade de Saúde Pública da USP. Ao longo do ano passado, professores e merendeiras receberam aulas de nutrição, de composição dos alimentos, sugestões de cardápios e de atividades pedagógicas envolvendo a saudável comida que passaria a enriquecer o prato das crianças.

O **Prêmio Minha Comunidade Sustentável** quer entrar na sua escola justamente para isso: estimular a criação e o desenvolvimento de bons projetos, como esse de Parelheiros. Idéias possíveis, ousadas e criativas que façam a diferença na vida dos alunos, dos educadores e de toda a comunidade. Eis aqui um convite e uma convocação: que tal germinar, crescer e frutificar as boas idéias que podem estar perdidas na imaginação de cada um dos alunos, pais, professores e vizinhos da sua escola? É uma boa hora para romper com o conformismo, não? E, à sombra dele, contemplar o que foi feito e, com orgulho, comentar: "Eu ajudei a fazer..."

Por que a escola deve se preocupar

A sobrevivência do planeta Durante anos, a humanidade tratou o meio ambiente como se não fizesse parte dele. Até que essa relação tornou-se sustentável

Por **Suzana Pádua**, Presidente do IP — Instituto de Pesquisas Ecológicas (www.ipe.org.br), doutora pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília

temática ambiental parecia ser, até pouco tempo atrás, moda ou capricho de alguns excêntricos. Muitas vezes ridicularizados, os ambientalistas não conseguiam ser ouvidos na esfera das decisões regionais, nacionais ou, menos ainda, nas globais. Com o passar do tempo, os problemas aumentaram e o mundo deparou-se com a poluição das águas e do ar, assoreamento de rios, contaminações por dejetos humanos ou resíduos industriais, desaparecimento de espécies e ecossistemas naturais e, mais recentemente, aquecimento global. Esses são alguns dos desafios que demonstram que nosso cuidado com o meio ambiente tem deixado a desejar. Estamos diante de questões que determinam a sobrevivência da vida no planeta, inclusive a nossa.

Muito do que ocorre hoje é resultante de termos priorizado por séculos a fio, e até por milênios, progresso a qualquer custo. A humanidade tratou a natureza como se não fizesse parte dela. Esquecemos que somos 70% água, respiramos continuamente o ar, que deveria ser puro para a garantia de nossa saúde, dependemos de alimentos que demandam ambientes apropriados e em equilíbrio para sua produção. O próprio planeta necessita de condições atmosféricas adequadas que, por conta das atividades humanas, estão em perigo.

Esse cenário reflete ter prevalecido o lado racional do ser humano em detrimento do sensível e intuitivo. Deixamos de lado o cuidado e o amor pelo todo, pelo outro ser vivo, seja ele humano ou não. Focalizamos em atividades que exigem competição e que acabam por representar ganhos em curto prazo, mesmo que signifiquem o uso insustentável da natureza ou a exploração de outros seres humanos. Por conta de comportamentos que refletem valores inadequados, temos agora de reaprender a sermos responsáveis, despertando para nosso papel de interventores e protagonistas de mudanças positivas que incluam o bem-estar de todos.

A POSTURA INCONFORMISTA

A tendência de favorecer o racional é facilmente observada na maioria das salas de aula. O aluno com



com sustentabilidade

pensamento claro, matemático e lógico tende a ser mais valorizado do que aquele que apresenta sensibilidade artística, seja para música, escultura, pintura ou até quem detém dons literários. Na verdade, esses nem sempre têm a chance de descobrir seus talentos, pois os currículos e a programação escolar quase nunca incluem tempo ou materiais apropriados para o desenvolvimento desses potenciais. O ideal seria que cada aluno tivesse na escola o ambiente propício para descobrir em qual área mais tem chance de brilhar, qual o talento que merece ser explorado, qual o caminho a ser seguido.

A oferta de emprego ainda tende a pesar nas escolhas profissionais. Mais abundantes nas áreas tecnológicas, preparar o aprendiz "para o mundo" muitas vezes significa valorizar seus aspectos racionais. Todavia, as necessidades do mercado mudam com o tempo e com o progresso e ampliam seu leque de interesse. Muitos campos industriais modernos estão aderindo a responsabilidades sociais e ambientais, o que exige profissionais de visão ampla e com especialidades diferenciadas.

Indagações.

A educação deve

estimular ações

e reflexões sobre

que nos trouxeram

à realidade de hoje

os processos históricos

Além disso, sempre que se faz algo com qualidade aparecem as devidas oportunidades. E é essa a educação que deve ser disponibilizada para todos: aquela que ajuda a descobrir talentos.

Nos cenários atuais a educação é apontada como um dos meios para se chegar à sustentabilidade planetária. No entanto, a própria educação precisa ser reformulada e repensada. Em vez de incentivar alunos passivos e cordatos, é necessário que estimule questionamentos e reflexões sobre os processos históricos que nos trouxeram à realidade de hoje. Deve estimular ações e engajamentos em resoluções de problemas. Tais princípios

podem parecer simples, mas trata-se de uma mudança drástica na maneira de se atuar diante do ensino, e os professores precisam estar dispostos a ousadias e preparados para incertezas.

CAMINHOS DA TRANSFORMAÇÃO

A "educação ambiental" surgiu das crises modernas como um caminho para responder às necessidades desse desenvolvimento insustentável que caracteriza a modernidade. Percebeu-se que a educação estava falhando, pois o aprendizado não incluía valores que refletiam respeito e celebração pela vida no planeta. A educação ambiental emergiu, assim, com o diferencial de se trabalhar valores juntamente com conhecimentos. O "ter" ou possuir, mola propulsora do sistema industrial, passou a ser questionado. Percebeu-se que câmbios deveriam ocorrer para incentivar um estado de "ser", no qual a integridade do outro e da natureza são contemplados, onde exista solidariedade, justiça e esperança não apenas para alguns.

Fica claro que a qualidade das relações entre indivíduos e entre estes e os demais seres vivos ou elementos naturais precisa mudar. A educação deve alertar para os riscos de se preferir ganhos pessoais àqueles que beneficiem a coletividade. Nesse processo, no entanto, o fortalecimento individual é indispensável, pois somente com auto-estima elevada o aluno se sente apto a agir, capaz de transformar o indesejado e motivado a participar de propostas que visam mudar o mundo para melhor.

Como promover tal transformação? São muitos os caminhos. É importante ter a coragem de questionar a vida atual. Um olhar pela história pode ajudar a identificar aspectos que se quer manter e aqueles que precisam ser reformulados. É importante que se dê ao aluno a chance de desenvolver seu potencial de transformar realidades indesejadas. Reflexões sobre problemas locais na escola, bairro ou cidade podem despertar idéias criativas de como enfrentar os desafios identificados.

O contato com a natureza é reconhecido como um dos meios mais eficazes de nos religarmos às nossas raízes natu-

> rais. Todavia, com a concentração humana nos grandes centros urbanos, a sociedade vem se distanciando da natureza, o que facilita a aceitação de projetos que a agridem. Daí a importância de se freqüentar áreas naturais, promover visitas de campo.

> Discussões e projetos em grupos ajudam a trazer à tona possíveis caminhos de se transformar aspectos merecedores de atenção. Expressões artísticas como desenhos, fotos, esculturas, maquetes, músicas ou poesias podem, também, desenvolver a sensibilidade, contribuindo para que o aluno demonstre de maneira cria-

tiva as questões que analisou e as transformações almejadas.

Trata-se de uma grande mudança de postura e o professor nem sempre está preparado, principalmente porque exige que se abra mão do controle. Os resultados passam a ser construídos coletivamente, o que significa que no início de cada projeto ou etapa não se sabe qual será o fim. Mesmo nesse ambiente instável, o mestre terá de demonstrar entusiasmo e respeito pelas diversidades, oferecendo oportunidades para que cada um desenvolva seu potencial, sua responsabilidade para com o todo, sempre incentivando valores que reflitam amor pela vida e pelo planeta.

Não são muitas as oportunidades disponíveis para o professor se preparar para assumir novas posturas como as aqui propostas. Cursos de especialização e pós-graduação podem ajudar, mas são poucos no Brasil e mesmo em outras partes do mundo. Vale a busca, que sempre representa o primeiro passo no caminho das mudanças que se deseja.

Gerir o conhecimento local

LADISLAU DOWBOR Economista defende uma escola menos lecionadora e mais articuladora do conhecimento que a tecnologia tornou acessível a todos

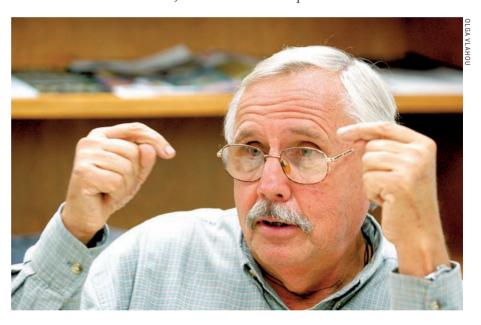
ascido na França no conturbado ano de 1941, quando o país estava invadido por tropas alemãs, Ladislau Dowbor formou-se em Economia Política na Universidade de Lausanne, na Suíça. Fez mestrado e doutorado em Ciências Econômicas na Escola Central de Planejamento e Estatística da Polônia, e descobriu o Brasil ao se casar com

Fátima Freire, filha do educador Paulo Freire. Por aqui viveu até o golpe de Estado de 1964. Exilado, trabalhou como consultor na Guiné-Bissau, Nicarágua, Costa Rica, África do Sul e no Equador. Tornou-se consultor das Nações Unidas e, anistiado, regressou ao Brasil, vinculando-se à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde leciona Economia e Administração. É autor e coautor de mais de 40 livros.

Nesta entrevista concedida ao jornalista Ricardo Prado, o economista abordou essencialmente o poder local e a inserção da escola e dos professores neste assunto, que guarda uma relação umbilical com o Prêmio Minha Comunidade Sustentável, motor e motivo destes Cadernos de Sustentabilidade que inauguramos nesta edição. Para Dowbor, é na cidade que a vida acontece, em especial num país que viveu um intenso processo de migração urbana como o nosso. E é preciso parar de esperar "pelo governo". Cheio de exemplos de bem-fazeres, o economista da PUC nunca duvidou do poder de transformar a realidade próxima que emana dos pequenos grupos de cidadãos. Que pode ser, por exemplo, um professor e sua classe. Ou uma escola e seu bairro.

Carta na Escola: Como seria uma escola menos "lecionadora" e mais articuladora, como o senhor defende? **Ladislau Dowbor:** O conteúdo geral

do que se ensina está se deslocando. É o velho debate: se a cabeça tem de ser bem cheia ou bem-feita. Na realidade está se tornando muito mais importante dar sentido ao que a gente está estudando. O meu amigo Ubiratan D'Ambrósio, entrevistado por vocês, (edição 22, dezembro/janeiro, de Carta na Escola) menciona uma frase que eu uso também: "Os alunos



Está acontecendo uma explosão do universo do conhecimento à disposição e a escola continua a repassar o que está na cabeça do professor

estão cansados de estudar coisas que lhes dizem que um dia vão entender a importância". Eles têm de entender e sentir a utilidade já! A criança possui uma curiosidade natural imensa por entender as coisas, veja a forma como elas desmontam um brinquedo, é o que a Madalena Freire chama de "paixão de conhecer o mundo". Sob esse pano de fundo a gente está começando a repensar de uma maneira muito mais ampla qual é o conteúdo que estamos ensinando. Eu me lembro de experiências que tive na Guiné-Bissau, na África, onde houve uma iniciativa de educação no interior de uma região produtora de arroz onde se dava num dia de aula, por exemplo na segunda-feira, o estudo das estruturas produtivas, no outro dia as estruturas sociais e por aí vai. São povos que vivem do arroz irrigado. Então, ensinava-se química mostrando o que é capilaridade, como é a salinidade da água e todas essas coisas que eles conhecem pela prática. Quando eles adquirem a

compreensão teórica dos mecanismos que estão por trás disso, isso apaixona. Não havia nesta experiência o fatiamento em disciplinas e havia, essencialmente, a vontade de dar aos alunos instrumentos da compreensão do próprio mundo deles. O gosto de aprender é 90% da capacidade de aprender, porque é isso que realmente estimula.

CE: Em um artigo publicado na revista Estudos Avançados da USP no ano passado, o senhor exemplifica essa mudança com o que aconteceu em Pintadas, na Bahia. Explique melhor o que eles fizeram de tão inovador.

LD: Esse caso está diretamente ligado à mudança da cultura política. Pintadas é uma cidade onde a prefeitura foi assumida por movimentos sociais e eles passaram a buscar respostas para de Pintadas. É óbvio que isso envolve uma mudança de atitude na comunidade e não só na escola, porque é preciso que ela esteja interessada em conhecimentos, que desperte para o fato de poder reconstruir o seu entorno de maneira diferente, porque o desenvolvimento não é uma coisa que chega lá de cima, é uma coisa que se faz. A partir daí, a própria escola passa a demandar conhecimento, não é mais "o que se empurra", como estudar quem foi dona Carlota Joaquina, decorar o comprimento do Nilo etc. Em termos de economia, já que sou um economista, poderíamos dizer que não é por oferta, mas por demanda que se organiza o conhecimento. Isso já foi visto e apresentado como uma visão reducionista, mas não é.

CE: E como se combate a crítica de que essa seja uma visão re-

ducionista da educação?

LD: Demonstrando que a experiência concreta da criança é o seu entorno e quando se dá instrumentos óticos para a compreensão deste entorno, no qual a criança tem a sua experiência de vida, a assimilação dos conceitos teóricos se torna incomparavelmente mais rica. A partir daí, o aluno entenderá melhor outras dimensões mais amplas. Então, não se trata simplesmente de substituir uma educação pela outra, mas de enriquecer. Eu acho que isso nos leva a uma compreensão mais abrangente da educação, no seguinte sentido: eu cada vez menos trabalho com o conceito de educação e cada vez mais com o conceito de gestão do conhecimento. Por exemplo: Jacob Anderle, que foi secretário de Educação de Santa Catarina, montou naquele estado um projeto chamado "Minha Escola, Meu Lugar". A escola passou a ser uma articuladora dos conhecimentos necessários à própria comunidade, gerando uma escola menos lecionadora e muito mais articuladora dos diversos subsistemas de conhecimento. Precisamos entender o seguinte: a ciência não está mais como um tipo de estoque acumulado na cabeça do professor. A ciência existe numa rede que você pode fazer com faculdades regionais, em sites na internet, com os mais diversos temas científicos disponíveis a custos irrisórios, ou seja, há uma disponibilidade do



os seus problemas. Grande parte dos municípios do Nordeste localizados na região da Caatinga está envolvida com os programas de cisternas, promovidos por uma rede de organização da sociedade civil chamada Articulação no Semi-Árido (ASA). Isso porque na Região Nordeste há a chuva, só que ela está concentrada em um período do ano, cai, se infiltra nos lençóis freáticos e desaparece. O que eles fazem? Captam essa água em cisternas (cada cisterna recebe até 16 mil litros), o que permite à família sobreviver durante o período seco com água suficiente, inclusive para jardinagem, cultivo de legumes e coisas do gênero. Isso é uma apropriação de conhecimento pela comunidade. Não são grandes conhecimentos, mas são essenciais em termos de responder às necessidades do lugar. E a educação nisso? Apesar de Pintadas ficar no Semi-Árido, as crianças nunca tinham tido uma aula sobre o Semi-Árido, suas limitações e potencialidades. Hoje se ensina o Semi-Árido nas escolas

Na região da Caatinga nordestina, eles captam água em cisternas, o que permite à família sobreviver à seca com água suficiente ""



Em Piraí, no Rio de Janeiro, eu vi o pessoal da escola pública assistindo aula de Geografia e se conectando ao Google Earth. É outra coisa

conhecimento e você tem de aprender a fazer a apropriação inteligente e o cruzamento desses conhecimentos. Então, está acontecendo uma explosão do universo do conhecimento à disposição e a escola continua a repassar o que está na cabeça da professora, em vez de a professora ensinar seus alunos a fazer a conexão com os diversos universos do conhecimento disponíveis.

CE: É como se a escola ainda ignorasse que está em curso uma grande revolução...

LD: Exatamente. Há um descolamento, uma desritmia entre o avanço das tecnologias de informação e do conhecimento e o jeito como administramos esse conhecimento no universo escolar. Uma forma interessante de tentar fazer a ponte, o que os americanos chamam de leap frog (dar um salto), eu vi em Piraí, no Rio de Janeiro. Eles pegaram aquelas torres de retransmissão de sinal de celular, fizeram um convênio com as empresas para transmissão de sinal banda larga, internet e rádio. Com isso, criaram uma rede wi-fi urbana, coisa que está sendo feita no mundo todo. Os custos são ridículos, da ordem de 10 dólares por domicílio. Por meio de um acordo com a Intel, compraram laptops de 400 reais para as crianças. Eu vi aquele pessoal de escola pública, pessoal de chinelinho de dedo, típico das classes modestas, assistindo uma aula de Geografia e se conectando ao Google Earth... É outra coisa. A gente tem de pensar que os meninos hoje vão entrar no mercado de trabalho daqui a dez, quinze anos. A revolução que estamos vivendo hoje é uma revolução da passagem para a sociedade do conhecimento.

CE: O senhor mencionou a necessidade da escola se tornar articuladora eficiente de parcerias. Quais seriam as principais, as mais estratégicas?

LD: Vamos pegar o exemplo de Capela do Socorro, na região sul de São Paulo. Lá há uma ONG, coordenada por Cleodon Silva, que organizou um sistema de informação sobre aquela região, partindo dos dados que existem nas prefeituras e nos diversos subsistemas de informação e enraizando essas informações na base que são os CEPs dos Correios. Qualquer pessoa conhece o seu CEP. Então a pessoa coloca o número do seu CEP, oito dígitos, e pode procurar quais são as escolas locais, quais os

serviços prestados, as migrações, enfim, o conjunto de informações que existem, mas que estão dispersas e não se transformam em conhecimento. Imagine as escolas da região de Capela do Socorro fazendo parcerias com essa ONG. São sistemas que buscam respostas práticas. Por exemplo, se você olhar quantas creches há naquela região, que é pobre, são poucas, mas ele trabalha com a molecadinha de rua, e eles anotam se vêem uma plaquinha numa casa onde está escrito "Aceita-se guarda". O que é isso? É a rede de creches informais que existe. Isso é importante? É importante para a pessoa local. Se você vincula essas ONGs, que são especializadas em conhecimento, com organizações comunitárias e com as escolas, você se mobiliza para iniciativas de melhoramento de um bairro, de geração de atividades de renda etc. O "click" lógico da economia do conhecimento é o seguinte: quando eu produzo essencialmente bens físicos, por exemplo esse meu relógio, se eu passo a você eu deixo de têlo. Mas quando a base do valor dos produtos é o conhecimento, se eu passo o meu conhecimento para você, eu continuo com ele. Então o deslocamento que está se fazendo é da visão da competição para a visão da colaboração. É um deslocamento de paradigma. Isso não é coisa de sonhador, você tem trabalhos em nível mundial acontecendo de maneira colaborativa. A própria Wikipedia é um processo colaborativo gratuito no qual muita gente contribui para fazer coisas úteis. Na economia mesmo, na área empresarial, esse conceito está entrando com muita força.

CE: Mas uma empresa jamais vai deixar de ser competitiva e passar a ser colaborativa...

LD: Isso não vai eliminar a competição, mas vai haver seguramente uma nova calibragem do conceito de competição que dominou todo o século XX, a guerra de todos contra todos. O

resultado é trágico, não? Tanto a expansão da área do conhecimento que se comunica gratuitamente e não se priva um ao outro, é naturalmente colaborativo, como o uso dos recursos escassos do planeta, vão nos obrigar a criar sistemas mais colaborativos, se não quer fazer um suicídio coletivo.

CE: O aquecimento global talvez nos obrigue a ser mais colaborativos, não?

LD: O exemplo é perfeito. Trabalhei muitos anos com as Nações Unidas, eu lembro de países africanos, por exemplo, que pediam para falar com grandes empresas internacionais de pesca. Eu dizia para eles: "Vocês estão loucos porque vai acabar o peixe. Estão pescando muito mais do que a capacidade de renovação dos estoques". Sabe o que eles me respondiam?

"Eu tenho 100 milhões de dólares empatados em pesca industrial. Se não for eu, será outro". Enquanto os lucros estão sendo imensos, é aquela corrida para ver quem acaba primeiro. Na realidade, a compreensão do bem comum, de que somos um planeta limitado, é muito recente. Tem um economista interessante, ele diz o seguinte: "Pensar que a gente possa expandir sempre o consumo num planeta naturalmente limitado só podia ser pensado por um idiota ou um economista" (risos). Evidente! Nós vamos ter de passar, e rapidamente, a viver de maneira inteligente neste planeta. Agora, você não vai ter algum super-homem que vai botar ordem nisso tudo. A saída é partir para a inteligência de Pintadas, que diz: "Em vez de a gente mandar 3 mil pessoas para fazer corte de cana em São Paulo, vamos usar essa mão-de-obra para melhorar a infra-estrutura daqui". O mesmo aconteceu na região de São Joaquim (SC). Foram feitas parcerias com universidades, que por sua vez fizeram estu-

Da experiência
que teve com
Paulo Freire em
Guiné-Bissau,
na África: o gosto
de aprender é
90% da capacidade
de aprender

dos de solo e de clima, identificaram o potencial para agricultura, fruticultura, organizaram cooperativas e, hoje, o conhecimento, a produção e organização comunitária formam um processo de apropriação de maneira equilibrada. Na minha cabeça o essencial é o seguinte: a economia não se salva mais sem educação. Porque a própria dinâmica econômica depende muito mais de conhecimento, só que a educação tem de passar a ter uma utilidade imediata. Nós não podemos ter essa visão na linha do que um dia você vai entender o porquê...

CE: Acabou aquela idéia que o sujeito tem o período de formação, depois o período de trabalho, depois o período de aposentadoria, é isso? **LD:** Acabou. Provavelmente a sua vida deve ser assim. A minha, se eu não estudo dois dias por semana, em dois anos eu

estou por fora. Eu vejo nos cursos que dou de pós-graduação, gente de 40, 50 anos fazendo cursos... Nós temos de construir um sistema de intersecção permanente entre atividades educacionais, culturais e profissionais durante toda a vida. Isso vale tanto para jovens visitarem espaços de trabalho para não desabar na cabeça deles depois aos 18 anos, como vale para gente de 60 anos, porque hoje eles têm mais 30 anos pela frente.

CE: O senhor cita inclusive um caso interessante de uma cidade na Itália onde existe uma maquete na praça central para as crianças conhecerem melhor onde vivem. Conhecer bem o local é essencial para se integrar ao global?

LD: Para mim, a criança poder dizer para o pai: "Aquele córrego atrás de casa está poluído porque tal empresa fez isso e aquilo...", é um sinal bem promissor. Eu visitei uma experiência em Valparaíso, no Chile. Havia uma ribanceira em um bairro relativamente pobre e todo o pessoal jogava lixo nela. A molecada mais pobre dali se juntou, limpou aquilo e numa parte mais amena eles fizeram uma arquibancada no terreno. Lá passaram a fazer shows de música e coisas do gênero. Hoje aquilo é usado pelo conjunto das escolas públicas para o ensino prático de ecologia. Começou da iniciativa de algumas crianças de rua, que por sua vez se juntaram com organizadores sociais para fazer uma

ONG, que por sua vez fizeram parcerias com as escolas. Escolas que passaram a trabalhar naquela ribanceira com a idéia de que aquele bairro pode mudar de cara. Nós estamos acostumados a pensar dessa forma: eu tenho a minha casa, que é minha área particular, e há o Estado, que cuida da rua, do lixo etc. Acontece que não existem só essas duas instâncias. Há as organizações comunitárias, de bairros, diversos grupos que podem se articular para ter uma riqueza nova.

CE: Eu queria que o senhor falasse de uma instância em especial, que é o Conselho Municipal de Educação.

LD: O Conselho Municipal de Educação pode ser um articulador dessa nova visão porque é formado por gente que vem de vários setores, com condições de entender o que aquela comunidade mais precisa, além de poder fazer parcerias com universidades ou centros de pesquisa para transformar esse enri-

instituição de trabalho. O currículo escolar deveria introduzir desde cedo visitas a um hospital, a uma universidade, às indústrias, a uma empresa agrícola. Dessa forma, haveria uma melhor compreensão. As pessoas têm muito esse medo da instrumentalização da educação. Nós temos uma herança antiga, de uma visão utilitarista e um pouco comercial.

CE: Na década de 80 se criticava o ensino profissionalizante como se ele fosse um ensino 'para o pobre', enquanto o propedêutico era um ensino para a classe média que ia para a universidade. O senhor não compartilha dessa visão?

LD: Não. Eu acho que a raiz desse problema não está na educação, mas situa-se em nível estrutural. A desigualdade nesse país é o problema número 1, de longe. A gente pode ver esse problema, pode evitar que haja uma educação para rico e outra para pobre, mas ainda é o que fazemos hoje.

Para Dowbor, que foi aluno de Jean Piaget, na Suíça, o currículo escolar deveria introduzir visitas a hospitais, indústrias, empresas, universidades



quecimento local em conhecimento. Mas é preciso que os conselhos ultrapassem a visão de serem um tipo de fiscal das contas da prefeitura para se tornarem fomentadores das diversas articulações que um sistema local de conhecimento precisa. O MEC está requalificando os Conselhos Municipais de Educação em todo o país, sei que será criado um portal dos conselhos e um software que permita, de um lado, ao ministério poder repassar estudos científicos, documentos e propostas de atualização de sistemas de educação, e, de outro, que toda iniciativa inovadora de um conselho possa ser colocada em rede.

CE: Como o senhor vê o Ensino Médio no Brasil?

LD: Eu acho trágico que o moleque que faz até o fim do secundário chegue aos 18 anos para, pela primeira vez, visitar uma

CE: Ainda pensando naquele jovem que se forma e não encontra emprego, como se concilia uma expectativa mais longa de vida com uma diminuição sistemática de empregos?

LD: Para que serve o emprego? Para você ter renda. Só que essa renda, esse papel-moeda, em si não vale nada, você não come ele, você tem de ter os bens, ou seja, você tem de produzir os bens e serviços, isso que é importante. Hoje a gente produz no mundo cerca de 6 mil dólares de bens e serviços para cada pessoa do planeta, a cada ano. Se você dividir isso por 12 meses e pegar uma família de quatro pessoas, dá de 3 a 4 mil reais por mês, ou seja, o que a gente produz hoje no planeta é amplamente suficiente para todo mundo viver com conforto e dignidade. Portanto, o problema não está na produção, está em organizar o acesso à renda correspondente. O trabalhador norte-americano

Nós caminhamos para diversos tipos de desemprego estrutural. A pesca artesanal ocupa cerca de 300 milhões de pessoas, mas vem sendo destruída pela grande pesca oceânica



trabalha de maneira desesperada, compra um monte de bagulho, inclusive desperdiça cereais de uma forma fenomenal. Com isso, outra parte do planeta está passando fome. Um caminho para responder sua pergunta é a redução da jornada de trabalho. É óbvio que a humanidade está precisando de cada vez menos volume de trabalho para produzir o que necessita. É a experiência que se fez na França e que funciona, na linha do trabalhar menos para trabalharem todos. Com todos trabalhando, não é preciso ter aqueles fundos de desemprego, o que permite subvencionar as empresas que chiam porque vão pagar o mesmo salário, mas com menos horas de trabalho. Essa subvenção permitiu fazer funcionar o sistema. Nós teremos de evoluir para gradual redução da jornada de trabalho. Há um texto do (economista John Maynard) Keynes, escrito em 1933, uma carta para os seus netos imaginários, no qual ele imagina como será o mundo deles; portanto, o nosso. Ele disse o seguinte: se forem inteligentes os meus netos, eles trabalharão três dias por semana porque, com as tecnologias que surgirão, será amplamente sufi-

ciente para satisfazer o básico para cada um de nós. E note que ele escreveu esse texto quando ainda nem tinha netos! Esse é um eixo de solução. Nós caminhamos para diversos tipos de desemprego estrutural. A pesca artesanal ocupa cerca de 300 milhões de pessoas no mundo, mas ela vem sendo destruída pela grande pesca oceânica, de navios superequipados. Então, com isso, estão sendo liquidados milhões de postos de trabalho, que sustentavam diversas economias locais. Então você tem uma substituição de empregos, mas, ao mesmo tempo, há a liquidação das reservas de peixe do planeta. Esse pessoal que praticava a pesca artesanal vai ficar desempregado e não terão renda para comprar esse peixe. Um exemplo disso: o japonês gosta muito de barbatana de tubarão. Em 2006 foram pescados 73 milhões de tubarões. Pesca-se, corta-se a barbatana, joga-se o resto fora. Toda essa destruição dos processos infelizmente tem uma lógica sistêmica, que pode ser assim resumida: se não for eu, será outro. É a lógica que está muito bem exemplificada no documentário A Corporação, que eu recomendo.

LADISLAU DOWBOR

- O Que É Poder Local. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- Informática e os Novos Espaços do Conhecimento. São Paulo: Perspectiva, SEADE 1994.
- Aspectos Econômicos da Educação. São Paulo: Ática. 1986.
- O Mosaico Partido: a economia além das equações.
 Petrópolis: Vozes, 2000.
- Tecnologias do Conhecimento
- Os desafios da educação.
 Petrópolis, Vozes, 2004.
- Democracia Econômica: um passeio pelas teorias. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007.
- Democracia Econômica -
- alternativas de gestão social. Petrópolis: Vozes, 2008.
- A íntegra de todos os livros e artigos do professor Ladislau Dowbor encontra-se disponível para download no site: www.dowbor.org

Livres do agrotóxico

NUTRIÇÃO Projeto piloto de introdução de produtos orgânicos na merenda de escola na zona sul de São Paulo faz crescer em 30% o consumo de verduras

Por Michel Daoun

arte dos 50 quilos de arroz usados diariamente na merenda da Escola Estadual Reverendo Erodice Pontes de Queiroz, em Parelheiros, no extremo sul da cidade de São Paulo, começa a ser servida às 8h30 da manhã. Para dar conta da grande demanda de alunos, as seis merendeiras não param. Do total de 2.500 alunos, cerca de 1.800 se alimentam no refeitório.

Como toda escola da rede estadual, a Reverendo Erodice segue o cardápio determinado pela secretaria. Nele estão previstos os alimentos básicos, como arroz, feijão e macarrão, que se revezam conforme o dia determinado. A salada, claro, também faz parte e é servida de duas a três vezes por semana. Até o ano passado, a rotina na alimentação dos alunos nunca havia sido alterada. No entanto, a

chegada de um projeto da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da USP, juntamente com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), alterou uma pequena parte dessa rotina. E para melhor.

Sob coordenação da professora Isabel Pereira, os pesquisadores da FSP iniciaram um projeto pilo-

to de merenda escolar orgânica. A escolha da Reverendo Erodice teve um motivo. "A região de Parelheiros possui uma forte vocação agrícola. Grande produtora de hortaliças, é a principal área agrícola do município de São Paulo e faz parte do 'cinturão verde', concentrando um número expressivo de famílias de agricultores", explica a pesquisadora da FSP Ana Flávia Badue, autora de uma tese de mestrado sobre a experiência de introdução de hortaliças e frutas orgânicas em Parelheiros.

"O projeto tinha o objetivo de promover a inserção de alimentos de melhor qualidade nutricional na merenda escolar, propor metodologias destinadas à informação e educação para o consumo de alimentos orgânicos e, ao mesmo tempo, estimular o desenvolvimento rural da região de Parelheiros", afirma a coordenadora Isabel Pereira. O que se pretendeu, portanto, foi aproveitar a forte presença de agricultores da região e convencer alguns deles a cultivar hortaliças orgânicas para que passas-



NA ESCOLA E PERTO DELA. A criação de uma horta escolar tem, essencialmente, objetivos educativos, pois a parte mais significativa das verduras vem de um produtor da região (ao lado)

sem a vender para a própria escola da região. Nessas duas frentes, queríamos "contribuir para o desenvolvimento local sustentável", completa Isabel.

A primeira etapa do projeto foi a pesquisa de experiências similares em outras regiões brasileiras. Foram levantadas iniciativas em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul e em São Paulo. Após esse processo, os pesquisadores entrevistaram 30 agricultores da região, questionando-os sobre a proposta de cultivarem produtos orgânicos em seus sítios e fazendas. Paralelamente, conversaram com pessoas da comunidade escolar, 108 ao todo, entre professores, funcionários e preparadores de alimentos e 65 alunos de duas escolas da região, para compreender melhor o consumo de alimentos orgânicos.

ORGÂNICOS NA ESCOLA

Na escola, tudo começou em abril de 2007, com o envolvimento de 40 professores e das merendeiras. "De início, tivemos a capacitação teórica sobre os alimentos orgânicos, o plantio e os cuidados com o solo", conta a professora Aline Gonçalves. No

planejamento, além da implantação de hortifrútis orgânicos na merenda, previu-se a criação de uma horta com produtos igualmente produzidos sem agrotóxicos, para que toda a comunidade escolar (professores, alunos, pais e merendeiras) pudesse vivenciar de perto o cultivo de alimentos orgânicos.

No decorrer do ano letivo, além dos pesquisadores, técnicos da Associação de Agricul-

tura Orgânica, de São Paulo, e da Subprefeitura de Parelheiros também visitaram a Reverendo Erodice para orientá-los. Foram meses de palestras e explicações sobre a origem dos produtos orgânicos, a importância, o modo de cultivo, a diferença deles em relação aos frutos convencionais e como trabalhá-los no cotidiano das pessoas. Nesse período, os professores chegaram a visitar uma feira especializada em orgânicos. Nas palestras, todos puderam aprender noções básicas sobre a manutenção de uma horta: da lo-

calização em relação ao sol e tipo de solo até como evitar as pragas no cultivo. Enquanto isso, a diretora da escola e a equipe da FSP se mobilizaram e localizaram um agricultor da região com documentação regularizada para vender alimentos à escola. Os produtos, apesar de já serem cultivados sem agrotóxicos, ainda não tinham a certificação de orgânicos, pois estavam passando pela fase de conversão.

Na segunda etapa do projeto, os produtos orgânicos deixaram de ser teoria para entrar de vez no cotidiano dos professores, merendeiras e, sobretudo, dos alunos, que a partir de novembro passaram a comer alface, acelga e repolho cultivados sem fertilizantes e outros produtos químicos. "A aceitação dos orgânicos por todos foi muito boa. Os alunos adoraram e acharam que a salada ficou, inclusive, mais saborosa. Até beterraba eles passaram a comer com gosto", lembra Berenice Teixeira, coordenadora pedagógica da escola.

CULTIVO EM CASA

Como parte do projeto, uma turma de alunos foi visitar o agricultor. "Eles tiveram a chance de visitar e ver de perto o plantio das verduras e legumes que consumiam na escola", conta a professora Isabel Carvalho. A horta feita na escola também serviu para aproximar os alunos das verduras orgânicas, pois puderam participar, inclusive, do processo de semeadura, graças ao apoio do CNPq, financiador do projeto, que forneceu equipamentos de jardinagem e sementes.

Alguns pais também se envolveram. "As crianças aprenderam que esse alimento é saudável e passaram a levar isso para casa", diz Gorete Carvalho, mãe de uma aluna da Reverendo



Participação.

A fase inicial do projeto contou com a participação de 40 professores e das merendeiras Erodice. "Muitos moram em lugares com espaços para canteiros, e esse projeto despertou o interesse deles pelo cultivo de alimentos em casa", ressalta a professora Isabel.

O sucesso dos produtos orgânicos foi tanto que houve um aumento de mais de 30% no consumo de salada. Para a diretora, Maria Aparecida dos Santos, o projeto, que se encerrou em fevereiro, foi muito po-

sitivo. "Todos se conscientizaram e começaram a perceber a importância de uma alimentação saudável." Os alimentos consumidos durante o projeto se concentraram em verduras (alface, acelga, repolho e couve), alguns legumes (beterraba, cenoura e pepino) e banana, a única fruta cultivada em abundância na região. O período em que os orgânicos foram servidos na merenda durou de novembro até meados de dezembro, quando se encerrou o ano letivo. "O projeto serviu para mostrar que temos condições de servir alimentos or-

gânicos e os produtores da região podem nos fornecer esses ingredientes. Pretendemos continuar comprando dos agricultores locais", conta a diretora Maria Aparecida.

Para dar prosseguimento às ações, a coordenadora pedagógica Berenice Teixeira avalia que seria ideal a existência de uma parceria que continuasse fornecendo pessoas preparadas (agrônomos, nutricionistas e outros técnicos), para dar suporte à escola, principalmente na manutenção da horta. O resultado desta bem-sucedida experiência será apresentado à diretoria regional da Secretaria de Estado da Educação, para ser estendida às outras escolas da região. A Reverendo Erodice, então, poderá mostrar aos vizinhos que foi um caso de sucesso.

SAIBA MAIS

- E. E. Reverendo Erodice Pontes de Queiroz – Tel. (11) 5979-6959
- No site da Faculdade de Saúde Pública da USP (www.fsp.usp.br), leia textos sobre esta experiência
- Tese de mestrado da pesquisadora Ana Flávia Borges Badue sobre o projeto de Parelheiros

- http://www.teses.usp.br/ teses/disponiveis/6/6135/ tde-03102007-142517
- Sites sobre orgânicos: www.portalorganico.com.br e www.planetaorganico.com.br
- Vídeos Alimentação
 Sustentável, realizado pela
 Fundação Banco do Brasil
 www.fbb.org.br/portal/
 pages/publico/pubBiblioteca.
 fbb?tema=0